

OS PRINCÍPIOS FUNDADORES DO PENSAMENTO BENVENISTIANO E A ABERTURA PARA ANÁLISE NA LITERATURA

THE FOUNDING PRINCIPLES OF THE BENVENISTIAN THEORY AND THE OPENING FOR
ANALYSIS IN LITERATURE

André Rodrigues Da Silva¹
Daiane Neumann²

RESUMO: O objetivo deste artigo é buscar os princípios fundadores da teorização benvenistiana, especificamente a partir do estudo dos pronomes e da subjetividade, a fim de atentar para o fato de que a construção desses princípios teóricos potencializa a interface entre língua e literatura, para uma abertura de análise em obras literárias. Será feita, com isso, uma discussão acerca da língua e linguagem, através da consideração sobretudo dos textos que compõem a quinta parte dos *Problemas de Linguística Geral I* intitulado “O homem na língua”. Ademais, é de nosso interesse refletir acerca de como essa reflexão teórica advinda do pensamento benvenistiano foi explorada por diferentes pesquisas que buscam a interface aqui propulsionada, no contexto francês e no brasileiro.

Palavras-chave: Émile Benveniste; literatura; subjetividade; tríade pronominal.

ABSTRACT: The main objective of this study is to search for the founding principles of the Benvenistian theorization, specifically through the study of pronouns and subjectivity, to observe how the construction of these theoretical principles enhances the interface between language and literature, for an openness of analysis in literary works. In this way, a discussion about Language and Speech will be carried out, especially considering the texts that compose the fifth part of the book *Problems in General Linguistics I*, entitled “Man and Language”. Moreover, it is of our interest to analyze how this theoretical reflection coming from the Benvenistian thought was explored by different studies that seek the interface propelled here, both in the French and Brazilian contexts.

Keywords: Émile Benveniste; literature; subjectivity; pronominal triad.

¹ Doutorando no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE).

² Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, com período de doutorado-sanduíche na Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, sob a orientação de Gérard Dessons. Estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS e na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"-UNESP. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, em cursos de graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras. Líder do grupo de pesquisa "Linguística, literatura e arte" do CNPq.

1 Introdução

Este texto busca, primeiramente, discutir acerca de como a construção de princípios teóricos no campo dos estudos de linguagem podem ser potencializados para uma abertura de análise no campo da literatura. Para isso, partiremos de Émile Benveniste, a fim de construir um percurso teórico que fundamenta a reflexão acerca da subjetividade e, notadamente, dos pronomes, para que se possa compreender como essa potente discussão comparece nos diferentes trabalhos de pesquisa que buscam tal interface tanto no contexto francês, quanto no brasileiro.

Para o empreendimento aqui proposto, alguns artigos³ constituem-se como indispensáveis, na medida em que a própria escrita de Benveniste aponta para aberturas no que tange especificamente à questão da subjetividade e da tríade pronominal; são eles: “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946); “A natureza dos pronomes” (1956) e “Da subjetividade na linguagem” (1958).

Ao longo do texto, portanto, será feita a imersão na discussão teórica a respeito dos pronomes e da subjetividade para, enfim, refletirmos acerca das iniciativas de abertura da teoria benvenistiana para a literatura. Logo, se faz imprescindível que discutamos sobre o que vem sendo explorado diante da interface língua e literatura no contexto francês e brasileiro, pois a discussão sobre os pronomes e sobre a subjetividade irá construir pontes possíveis para uma análise literária.

O interesse de Benveniste pelo literário é bastante presente em sua obra, conforme já foi destacado por diferentes pesquisadores, tais como Laplantine (2008) e Vier (2016a e 2016b). É emblemático, entretanto, que, em entrevista a Guy Dumur no ano de 1968⁴, Benveniste manifesta que a linguagem poética interessa “imensamente” (BENVENISTE, 2006, p.37) para a linguística. No mesmo questionamento de Dumur, por fim, Benveniste afirma que ainda era muito cedo para apresentar definições sobre os métodos empregados para uma análise do objeto. Porém, sabemos que muitos trabalhos de pesquisadores ancorados na obra benvenistiana auxiliaram e auxiliam na construção de princípios fundadores para uma análise na literatura.

Esse contexto de debates até aqui apresentado nos autoriza a afirmar que, em Benveniste, se anuncia, sobretudo na quinta parte intitulada “homem na língua”, a partir do estudo pronominal e da subjetividade, aberturas que influenciam trabalhos na França e no Brasil para a análise do literário. Nas próximas seções, construiremos um percurso através da discussão acerca da subjetividade e da tríade pronominal, considerando as propostas de aberturas por pesquisadores que estabeleceram este caminho.

³ Cumpre aqui atentar para o fato de que embora estejamos propondo a seleção de alguns textos a serem trabalhados, a fim de discutir especificamente a temática aqui abordada, não perdemos de vista a relação de tais textos com o conjunto da obra benvenistiana. Em outros termos, não perdemos de vista o sistema da obra do linguista.

⁴ BENVENISTE, Émile. Esta linguagem que faz história (1968). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

2 A tríade pronominal e a subjetividade ou a abertura da teoria benvenistiana para a análise literária

A teorização acerca dos pronomes e da subjetividade, proposta por Émile Benveniste, traz luz à abertura para um estudo de interface entre língua e literatura com base nas discussões da quinta parte do livro *Problemas de Linguística Geral I*.

Benveniste propõe uma travessia que nos leva à teorização acerca da subjetividade e, a partir dessa reflexão, indica que a discussão sobre o homem na língua só é possível porque a “linguagem (re)produz o mundo, mas submetendo-o a sua própria organização” (BENVENISTE, 2005, p. 26). Essa organização é constituída a partir da reversibilidade entre um *eu* e um *tu*. Dessa forma, produz-se uma nova organização de mundo, através do uso da língua pelo sujeito que enuncia, propondo-se no discurso diante desse outro. Com isso, tem-se na intersubjetividade um ato sempre novo, renovado, e é sobre essa perspectiva da constituição da subjetividade via tríade pronominal, da reversibilidade entre um *eu* e um *tu* em oposição ao *ele*, que trataremos nas próximas páginas.

A teorização pronominal proposta por Benveniste perpassa dois planos: as correlações de pessoalidade, em que se tem o *eu-tu* em oposição à não-pessoa, o *ele*, e de subjetividade, na qual temos o *eu* se opondo ao *tu*, pois o *eu* é sempre transcendente ao não-eu, no caso o *tu* e, com isso, institui-se a intersubjetividade diante desse *eu* que se propõe como sujeito. Só é possível pensarmos o sujeito na língua porque, segundo Benveniste, “a própria língua revela a diferença profunda entre esses dois planos” (BENVENISTE, 2005, p. 280). É preciso compreender a manifestação do sujeito no espaço enunciativo a partir do momento em que esse sujeito, através do pronome *eu*, se propõe no discurso como possibilidade de uma fluidez desse *eu* em meio à reversibilidade com um *tu*.

A proposta de Émile Benveniste para trabalhar as correlações de pessoa e não-pessoa, além da subjetividade, apresenta uma discussão de abertura, sobretudo acerca do que é apresentado inicialmente em 1946⁵ no texto intitulado “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, presente no *PLG I*. A discussão pronominal e a discussão sobre subjetividade estão imbricadas, pois, assim como discutiremos aqui, os pronomes revelam a subjetividade na linguagem. Ademais, é Benveniste quem nos diz que “[a] linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão”. (BENVENISTE, 2005, p. 289)

Em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), Benveniste parte da prerrogativa de que “há sempre três pessoas e não há senão três” (BENVENISTE, 2005, p. 248). Tendo em vista o contexto empregado pelos gramáticos árabes, Benveniste constrói seu pensamento a partir da luz que foi evocada diante da discussão desses gramáticos sobre as relações entre as pessoas no verbo. Com isso, o linguista escreve que, para os gramáticos árabes, “a primeira pessoa é *al-mutakallimu*, ‘aquele que fala’; a segunda, *al-muhatabu*, ‘aquele a quem nos dirigimos’; mas a terceira é *al-ya’ibu*, ‘aquele que está ausente’” (2005, p. 250). Benveniste propõe-se a discutir e articular de que maneira cada pessoa se opõe diante do conjunto (*eu-tu/ele*) e de que maneira são fundamentadas as oposições nessa correlação de pessoalidade, implicando uma discussão sobre subjetividade.

⁵ Trata-se da data original de publicação do texto, que, posteriormente, compôs a coletânea *Problemas de linguística geral I*, cujas referências são citadas ao final deste artigo.

A não-pessoa ou “aquele que está ausente” constitui-se como uma oposição à díade *eu-tu*, ou seja, aquele que é colocado fora da instância discursiva entre o *eu* e o *tu*. A propriedade das pessoas, segundo Benveniste, só é possível quando enunciamos para um outro, tomando para si um lugar nessa instância e propondo-se como sujeito. Sobre essa troca discursiva, o linguista escreve que “‘eu’ e ‘tu’ são inversíveis: o que ‘eu’ define como ‘tu’ se pensa e pode inverter-se em ‘eu’, e ‘eu’ se torna um ‘tu’” (2005, p. 252). Já o *ele*, a não-pessoa, “pode servir de forma de alocação em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-la à esfera pessoal do ‘tu’” (2005, p. 254), como também “em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija ‘pessoalmente’ a ele”. (2005, p. 254)

Conforme propõe Benveniste (2005, p. 285), “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro”. A experiência do sujeito na linguagem não se constrói em meio à ofuscação do ser, nem do *eu*, muito menos do *tu*, mas na percepção coletiva e contínua da produção intersubjetiva. O mundo se tece por meio da língua e da linguagem, e não o contrário. Portanto, é na experiência do sujeito, através desse ato de colocar a língua em uso em um processo intersubjetivo na correlação de personalidade, que o *eu* se presentifica nos processos constitutivos de pessoa no discurso.

A discussão sobre os pronomes se alastra ao longo da parte “O homem na língua”, do *PLG I*. Diante disso, um outro texto que busca estender a discussão pronominal é um artigo de 1956⁶, denominado “A natureza dos pronomes”. Nesse artigo, assim como poderemos ler em outros textos do *PLG I*, Benveniste já nos indicava que a universalidade das formas e classes linguísticas são, antes de mais nada, problemas de linguagem, além de problemas de língua, o que amplia a discussão acerca da constatação de que o homem está na língua.

Benveniste elucida acerca do fenômeno da subjetividade ao propor que o *eu* se define como pessoa somente no ato enunciativo do discurso, naquele dado momento de fala, pois o seu preenchimento no espaço enunciativo se dá no processo comunicativo entre aquele que fala e aquele com quem se fala. Porém, ao dissertar sobre a identificação como pessoa daquele que diz *eu*, Benveniste está partindo de uma conceitualização da forma, que é tão cara para a constituição de sua teoria pronominal.

Como salientamos anteriormente, em “A natureza dos pronomes” (1956), Benveniste afirma que a universalidade das formas e das classes linguísticas são, antes de mais nada, problemas de linguagem, além de problemas de língua. Discorrer sobre a constituição do sujeito pela linguagem é, antes de mais nada, portanto, discutir sobre a maneira pela qual língua e linguagem se implicam concomitantemente na sociedade. A partir dessa construção sobre a universalidade das formas, Benveniste escreve:

É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”. (BENVENISTE, 2005, p. 277)

O que é da forma e configura as categorias de personalidade se atualiza em meio ao uso da língua pelo locutor. Logo, é necessário considerar a discussão pronominal, pois são os pronomes que definem os nossos espaços dentro da instância discursiva. Para entendermos a

⁶ Ver nota 5.

constituição do *eu*, do *tu* e do *ele*, é imprescindível pontuar a forma empregada para o seu uso na linguagem, já que “*eu* só pode definir-se em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu’. Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade”. (BENVENISTE, 2005, p. 278)

Diante disso, o *eu* pode definir-se como pessoa somente no ato enunciativo do discurso, naquele dado momento de fala e somente dessa maneira serão preenchidos os “signos vazios”, pois o seu preenchimento se dá no processo comunicativo entre aquele que fala e aquele com quem se fala. A partir disso, o *ele*, a terceira pessoa, é uma posição enunciativa, porém, está colocado como aquele que não fala.

Essa abertura diante da discussão pronominal ao ato enunciativo no discurso não só presentifica o sujeito que enuncia, como também anuncia uma abertura no que tange aos estudos de linguagem. Quando Benveniste pensa sobre o processo de constituição do sujeito na linguagem, a discussão pronominal desemboca em reflexões pertinentes à teorização de análise na literatura. A partir dos pressupostos sobre língua e linguagem, teorizados por Benveniste em seus textos, compreendemos que há uma realidade sempre nova sendo produzida na instância discursiva, via relações pronominais. Ademais, a abertura proposta por Benveniste faz com que a análise na literatura evoque a constituição dos personagens por intermédio da linguagem, via jogo pronominal. Com isso, o estudo da instância do sujeito, em meio à reversibilidade entre o *eu-tu*, leva-nos a pensar a subjetividade e as relações propostas pela tríade pronominal na literatura. Cumpre também ressaltar que esse debate de intersecção aponta para o enriquecimento da reflexão acerca da subjetividade e da intersubjetividade na linguagem, na medida em que lança luzes para o fato de que esta é uma discussão que congrega não apenas as relações comunicativas, mas também culturais e sociais.

Ademais, discutir sobre a subjetividade é lançar luzes acerca da organização pronominal (o *eu* que fala para um *tu* e se opõe a um *ele*), na medida em que, segundo Benveniste, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquele que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*”. (BENVENISTE, 2005, p. 286)

No texto de 1958, intitulado “Da subjetividade na linguagem”, Benveniste procura alargar sua discussão sobre os pronomes, dando ênfase à questão da subjetividade para pensarmos na constituição do sujeito na e pela linguagem. Sabendo da indissociabilidade entre língua e literatura, linguagem e subjetividade - a partir da qual Benveniste afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (2005, p. 286), compreendemos, portanto, que “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro” (2005, p. 285). De fato, a experiência do sujeito na linguagem não se constrói na anulação do sujeito, nem de si, nem do outro, mas na percepção coletiva e contínua frente ao ofuscamento do homem nesse devir.

Se, para Benveniste, “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (2005, p. 286), é no discurso que nasce a subjetividade a qual leva ao preenchimento das “formas vazias” (2005, p. 288). Logo, é na instância desse discurso que se preenchem as formas vazias, constituindo e atualizando o papel do enunciador diante do processo intersubjetivo. A definição do sujeito pela linguagem só é possível através do ato comunicativo.

Possibilitar uma nova atualização do acontecimento no articular do enunciar no discurso é colocar o *eu* e o *tu* em uma nova instância, já que essa troca “confere ao ato de discurso uma dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a

realidade” (BENVENISTE, 2005, p. 26). Experenciar é *recriar* a realidade e carregar consigo um conteúdo, projeções que se mesclam ao processo daquilo que se tem para dizer e daquilo que se recebe do locutor. *Recriar* a realidade, atualizar-se em discurso, a partir de Benveniste, é promover uma nova abertura para se pensar em novas discussões sobre os estudos dos pronomes em nossa sociedade.

Compreende-se que a abertura que Benveniste nos oportuniza faz com que a sua teoria seja vista sempre em constante *renovação*, pois os valores que estão na língua passam a ser atualizados ao se tecerem novas relações entre o *eu* e o outro, o sujeito e a sociedade, o sujeito e a cultura. A atualização desses valores também passa pela arte, constatação essa que nos impulsiona em direção ao literário. Benveniste, como buscamos esclarecer nesta seção, permite que pensemos para além do que foi teorizado nos textos de “O homem na língua”.

Procurando discutir acerca dessa abertura da teorização de Émile Benveniste, Teixeira (2004), em seu texto “Benveniste: um talvez terceiro gesto?”, afirma:

Ler Benveniste é perceber que atrás da análise pormenorizada da linguagem, encontra-se um ponto de vista filosófico de interesse amplo. Por se deixar trabalhar pela dobra, seu pensamento é vivo e desconcertante, sempre enigmático e aberto à interferência de quem dele se aproxima recusando roteiros de leitura já automatizados. Há que se deixar trabalhar pelo mistério. (TEIXEIRA, 2004, p. 118)

O interesse amplo, aqui, é encontrar na discussão pronominal transversalidades a partir do que propõe Émile Benveniste. Como uma abertura no que tange aos estudos de linguagem, Teixeira (2004) aborda algumas possibilidades de imersão na teoria benvenistiana para fins de análise. Para isso, traz formulações que evocam a discussão pronominal de Benveniste (*eu-tu/ele*) e a subjetividade, o que aponta para uma possibilidade transdisciplinar da linguística da enunciação, “abrindo-a ao diálogo” (TEIXEIRA, 2004, p. 119). Discutir acerca do desenvolvimento desses trabalhos é o que faremos na próxima seção.

3 A intersecção entre língua e literatura na França e no Brasil: um olhar sobre os estudos benvenistianos

O propósito desta seção é discutir sobre como se articulou a reflexão acerca da língua e da literatura, na continuidade da teorização benvenistiana no contexto francês e no contexto brasileiro. Em um primeiro momento, por uma questão cronológica, abordaremos o contexto francês, em especial a partir da poética de Henri Meschonnic.

A presença da linguística de Benveniste no trabalho de Henri Meschonnic é bastante evidente. Essa constatação já foi feita por Jürgen Trabant (2005), ao afirmar que os três autores de base de Meschonnic são Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Wilhelm von Humboldt. Em Meschonnic (2008), o teórico da linguagem afirma que Benveniste, no final programático de “Semiologia da língua” (1969), propõe duas vias de estudos da linguagem, a intralinguística e a translinguística. A primeira estabelecer-se-ia na relação da dupla significância da língua, via mundo semiótico e mundo semântico; a segunda, no entanto, estaria ligada à análise translinguística dos dos textos e das obras. A poética do ritmo, segundo o teórico, está

situada na segunda via.

Uma das influências da teorização benvenistiana na poética do ritmo já destacada em Dessons (2006) e bastante evidente refere-se ao texto presente no *PLG I*, denominado "A noção de 'ritmo' em sua expressão linguística" (1951). É este texto que auxilia Meschonnic (2009[1981]) a argumentar em favor da *desplatonização* da noção de ritmo, na medida em que Benveniste, no texto de 1951, através da reconstrução semântica da noção, atenta para o fato de que desde a origem até o período ático, o sentido constante de "ritmo" é "forma distintiva, figura proporcionada, disposição" (BENVENISTE, 2005, p. 366), em variadas condições de emprego aliás. De acordo com o linguista, teria sido Platão quem haveria precisado a noção de "ritmo", delimitando uma acepção nova.

Tomando o texto de Benveniste como base, mas propondo-se a ir além, Meschonnic (2009[1982]) se propõe a fazer o que Benveniste não faz, *desplatonizar* a noção de ritmo. Para fazê-lo, Meschonnic busca dissociar a noção de ritmo na linguagem e de ritmo na música, argumentando em favor do fato de que uma não pode ser tomada pela outra, na medida em que as unidades da música e da linguagem não são as mesmas, portanto, em cada sistema semiótico deve-se pensar a noção de ritmo, considerando suas particularidades. O teórico da linguagem argumenta ainda em favor da dissociação da noção de ritmo daquela de métrica. Dessa forma, o ritmo não estaria mais restrito à poesia, mas estaria em toda a linguagem.

Devido à proposta deste artigo, qual seja, pensar a reflexão acerca da subjetividade e da tríade pronominal em Benveniste, considerando o seu alcance teórico para uma abertura à análise do literário, centraremos a discussão aqui em como tais princípios fundadores na obra benvenistiana compõem na poética do ritmo, mais especificamente no que Meschonnic denominou de uma "antropologia histórica da linguagem".

O sintagma "antropologia histórica da linguagem" está no próprio título da obra de Meschonnic de 1982, *Critique du rythme: une anthropologie historique du langage*. Na leitura da obra benvenistiana, proposta por Dessons (2006), a parte dedicada à abordagem dos principais conceitos e temáticas aparece sob o título "une anthropologie du langage". A reflexão em torno dessa antropologia da linguagem, proposta por Meschonnic e Dessons, se estabelece a partir da discussão acerca da subjetividade na linguagem, conforme teorizada por Benveniste, nos *PLGs I e II*.

Basicamente, trata-se de, por uma postura de leitura da obra do linguista, atentar-se para o fato de que, em geral, nas reflexões teóricas na área da antropologia, define-se o homem devido à constatação de que este é um ser de cultura. Dessa forma, o homem é homem porque tem cultura. Em Benveniste, haveria uma nova definição de homem, por isso o linguista fundaria uma nova antropologia. Na obra do linguista sírio, o homem é homem porque é um ser de linguagem. Conforme pontua Dessons (2006), para Benveniste a linguagem se define em sua estrita relação com o humano, e, por sua vez, o humano em sua estrita relação com a linguagem.

No projeto de uma antropologia histórica da linguagem, encontra-se no coração da teorização a noção de subjetividade na linguagem tal como proposta por Émile Benveniste. Para o desenvolvimento desse projeto, conforme aponta Dessons (2006), é imperativo que se atente para a distinção entre o que se convencionou chamar de "sujeito enunciador" e "sujeito da enunciação"; em termos benvenistianos, "locutor" e "sujeito da linguagem". Para o teórico francês, a distinção entre essas expressões não se trata de uma "querela terminológica", mas antes de uma problemática que revela duas posições teóricas radicalmente diferentes. Para a leitura desde o projeto de uma antropologia histórica da linguagem, é sobre o estudo do "sujeito

da linguagem", enquanto efeito do discurso, que a teorização benvenistiana lança luzes.

Assim, ao discutir-se acerca da subjetividade na linguagem, a partir do projeto de uma antropologia histórica da linguagem, em que o sujeito se tece no e pelo discurso, na empiricidade do discurso, observa-se que, conforme pontua Dessons (2006), a subjetividade não estaria restrita aos índices de marcação de subjetividade, ao que Benveniste chama de "índices específicos" no texto "O aparelho formal da enunciação" (1970). A subjetividade está, portanto, na língua toda, na medida em que se trata de um problema, conforme discutimos na seção anterior, de linguagem.

Para compreender a subjetividade na linguagem, Meschonnic (2009[1982]) propõe que se analise o ritmo na linguagem. Para o teórico francês, o ritmo é tomado como a organização do sujeito como discurso no e pelo seu discurso. O ritmo é definido por Meschonnic (2009[1982]) como a organização das marcas através das quais os significantes, linguísticos e extralinguísticos, produzem uma semântica específica, que se distancia do que se concebe como sentido lexical. Significância é a denominação atribuída a essa semântica específica, em que os valores próprios de um discurso são tomados como somente dele. Essas marcas que produzem a significância podem estar situadas em todos os níveis da linguagem, no acentual, no prosódico, no lexical, no sintático, que formam um paradigma e um sintagma do discurso e, conseqüentemente, neutralizam a noção de nível.

No contexto francês, é a discussão acerca do ritmo na linguagem, propulsionada pela poética do ritmo de Meschonnic que abre a teorização benvenistiana em direção ao literário. Essa tomada teórica impulsiona trabalhos de análise rítmica de poemas⁷, bem como discussões acerca do traduzir. Na esteira aberta por Meschonnic, encontra-se uma discussão bastante profícua acerca da noção de *manière*, proposta por Gérard Dessons, como uma alternativa à noção de estilo. Tal trabalho abre possibilidades de análise de textos e obras de linguagem, bem como das artes plásticas. É dessa reflexão teórica que nasce a discussão acerca do que foi denominado por Dessons "manière folle", atentando para o aspecto ético e político da arte.

É desse ponto de vista teórico de abertura do pensamento benvenistiano em direção à literatura que Chloé Laplantine, responsável pelos manuscritos *Baudelaire*, de Benveniste, dedica-se à reflexão acerca do inconsciente e do poema, tomando como base de reflexão os manuscritos de Benveniste, nos quais o linguista se propõe a compreender a língua de Baudelaire através da análise da obra *Flores do mal*.

Quanto ao contexto brasileiro, a abertura para se pensar o literário a partir de Benveniste vai se apresentar em inícios do século XXI bastante impulsionada pela reflexão de Marlene Teixeira, bem como de pesquisadoras que se formaram sob sua orientação. É a preocupação com a singularidade na linguagem poética que impulsiona a dissertação de mestrado de Sabrina Vier, intitulada *Da singularidade na/da linguagem poética: um estudo enunciativo em canções de Chico Buarque* e defendida em 2008.

Partindo do pressuposto de que a linguagem poética requer um outro modo de significância, Vier (2008) propõe-se a fazer uma análise metassemântica, conforme anunciada por Benveniste no final programático do texto "Semiologia da língua". Dessa forma, a autora busca compreender a relação "eu-tu", encenada em "eu-tu/ele-aqui-agora", através da análise da rima e de outros mecanismos inerentes à relação entre a forma e o sentido que se apresentam

⁷ É importante notar que, para Meschonnic, o poema não se restringe ao texto escrito em verso. O poema se produz por uma invenção de uma forma e de um sentido. Dessa forma, o poema pode estar no romance, na literatura em geral, no texto teórico, filosófico.

como da ordem do singular e que configuram uma sintaxe da enunciação. O ponto de chegada da pesquisa é o da constatação de que a singularidade é marcada especialmente pelo "tropeço" no semiótico, evocado no semântico, e que essa evocação implica sujeitos.

É importante notar que, embora Vier (2008) não trabalhe com a poética do ritmo, conforme se fez no contexto francês, a preocupação com a subjetividade, com a singularidade no literário está bastante presente em suas inquietações teóricas, bem como em suas análises. A autora acaba mesmo por tratar de fenômenos de linguagem que são apontados como relevantes para a análise do literário na poética do ritmo. A discussão teórica e a análise se estabelecem, contudo, a partir de uma leitura outra da teorização benvenistiana.

O anúncio de uma abertura da linguística de Benveniste se dá no Brasil, no entanto, alguns anos antes, em 2004, quando Teixeira publica o texto "Benveniste: um talvez terceiro gesto?". Há nesse anúncio uma tomada de posição bastante influenciada pela leitura de Benveniste, realizada pelo filósofo Dany-Robert Dufour.

A transdisciplinaridade de que trata Teixeira se encontra na proposta de discussão evocada por Cavalheiro (2005) que, em sua dissertação de mestrado intitulada *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose*, afirma: "quero destacar o importante papel desempenhado pela narrativa de ficção como resposta ao sujeito de fazer-se ouvir a partir de uma diferença que precisa do outro para se autorizar como singularidade" (2005, p. 32).

Em seu texto, Cavalheiro alicerça-se em Benveniste para semear as relações entre os estudos benvenistianos e os estudos literários⁸. Segundo Cavalheiro (2005), é pela reversibilidade que "garantimos um lugar simbólico, autenticamos nossa posição de sujeito" (CAVALHEIRO, 2005, p. 81), e esse ato de enunciação através da comunicação mostra como a língua, segundo o filósofo Dany-Robert Dufour, "se precipita em discurso". (DUFOUR, 2000, p. 72)

Segundo Dufour (2000), considerando a reflexão de Benveniste, é assim que podemos ver o homem na língua, pois "o prisma formado pelo conjunto *eu*, *tu* e *ele* funciona, de certa maneira, como um dispositivo no interior da língua, que inscreve sempre em seus lugares os alocutários" (DUFOUR, 2000, p. 69). Retomando aqui a teorização sobre a não-pessoa evocada por Benveniste no texto de 1946, a fim de estabelecer um diálogo com Dufour, a ausência do *ele* diante da correlação de personalidade *eu-tu* é, segundo Dufour, presentificada na instância discursiva. Segundo o filósofo, "a ausência denotada por 'ele' é a ausência representada no campo da presença. Já que 'ele' traz a ausência ao campo da presença, 'ele' é uma presentificação da ausência e, em última instância da morte". (DUFOUR, 2000, p. 107)

O *ele* designa "uma ausência re-presentada no campo da presença" (DUFOUR, 2000, p.106-107), logo, sem o *ele*, não há *eu* e nem *tu*. A inversibilidade entre os falantes propicia as condições para a intersubjetividade, ao passo que o *ele* se configura como a não-pessoa: a ausência nesse discurso é a colocação do outro nessa instância da linguagem. Segundo Dufour, o *ele*, o ausente, configura a possibilidade de linguagem através do ato da língua, pois "é necessário um terceiro, externo, para que dois, copresentes, sejam". (DUFOUR, 2000, p. 106)

⁸ É importante lembrar que, dentro dessa discussão, também foi publicado em 2020 um artigo intitulado "A ausência de um lugar enunciativo para as mulheres em *O Conto da Aia*: uma análise benvenistiana". Campo, Peres e Boettge (2020) apresentam uma análise da obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, a partir da teoria enunciativa de Émile Benveniste. As autoras abordam a falta de lugar das personagens femininas na obra de Atwood e consideram as reflexões de Dany-Robert Dufour para dissertar sobre a tríade pronominal, a fim de discutir sobre a falta de lugar enunciativo dentro da narrativa.

Embora Cavalheiro (2005) lance mão também da reflexão de Bakhtin para a construção de sua pesquisa, Benveniste, através de sua discussão acerca da tríade pronominal, com auxílio de Dufour (2000), é um dos grandes aportes para a análise realizada d'A *Metamorfose* de Kafka. A dissertação analisa a movimentação de Gregor no espaço enunciativo a partir da "mensagem" que recebe da família ao vê-lo metamorfoseado, e como se dá a rede de interlocuções que o texto literário promove. A autora acaba por evidenciar a gradual perda de lugar de interlocução de Gregor no romance, que passa daquele que ocupa os lugares de *eu-tu*, para aquele que acaba apenas no espaço do *ele*.

Mais contemporaneamente, no cenário de pesquisas brasileiras, iniciou-se a investigação dos manuscritos *Baudelaire*⁹ de Benveniste, conforme pode ser constatado na tese de doutoramento de Sabrina Vier, intitulada *Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária*, defendida em 2016. Nela, a autora busca comprovar que a escrita de Benveniste, no Dossiê Baudelaire, evidencia um estudo semiológico do poético na linguagem, o que se torna possível via uma linguística que transcende o signo e encontra a emoção e a experiência humana.

Há também a inserção da poética do ritmo de Henri Meschonnic nas reflexões acerca da relação entre língua e literatura e na busca pela compreensão da poética de Benveniste. É representativo desse movimento o trabalho de tese intitulado *Em busca de uma poética da voz*, de autoria de Daiane Neumann, defendido em 2016. Na referida tese, a autora investiga uma noção de voz, considerando o projeto de uma antropologia histórica da linguagem, bem como a poética do ritmo. A partir desse ponto de vista, a autora propõe uma análise da voz da obra "Memórias Inventadas: A Infância", de autoria do poeta Manoel de Barros.

Ainda na tentativa de buscar esse trabalho de fronteira, calcado na reflexão benvenistiana a partir de sua teorização acerca da linguagem, encontra-se o trabalho de mestrado de Aroldo Garcia dos Anjos, intitulado *Lavar a névoa: o tempo em Satolep*, de Vitor Ramil. No trabalho, embora Garcia (2020) utilize o aporte teórico também de Walter Benjamin para discutir acerca da constituição do tempo na obra *Satolep*, a reflexão acerca da linguagem e do tempo em Benveniste é apresentada em estreito diálogo com Benjamin e possui um papel importante para a análise do literário.

4 Considerações finais

Este texto buscou construir pontes, a fim de lançar luzes para as frestas que a teoria benvenistiana evoca. Em diversos momentos de sua obra, Benveniste afirma que suas reflexões são de língua, porque antes de tudo são de linguagem. É na tomada de reflexão que parte das

⁹ Sobre a publicação de *Baudelaire*, cabe aqui salientar ainda dois trabalhos que se preocupam com a discussão sobre a temática no país. O primeiro trabalho deles foi escrito por Knack (2020). No texto intitulado "O discurso poético como um 'problema linguístico' nas notas de Benveniste: percursos metodológicos para a abordagem da significação", a pesquisadora toma a poesia de Baudelaire como *corpus* de análise e objetiva uma abordagem da significação do discurso poético. Para tanto, a autora busca apontar leituras que versam sobre as categorias de análise, assim como os procedimentos metodológicos em Benveniste para uma leitura de Baudelaire. O outro trabalho a ser destacado foi escrito em 2020 por Neumann. No texto "Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic", Neumann reflete sobre a relação que há entre a poética de Benveniste e a poética em Meschonnic tendo em vista a intersecção com a "linguagem poética" proposta em *Baudelaire*. Neumann busca, com o dossiê *Baudelaire* (2011), considerar a discussão literária a fim de evocar aberturas teóricas através dos estudos da linguagem.

línguas para o encontro com a linguagem que se observa a abertura de sua obra. É no ponto em que a reflexão de língua se torna uma reflexão de linguagem que a teorização benvenistiana se abre para pensar a relação entre a língua e o homem, a língua e a cultura, a língua e a sociedade, a língua e a literatura. Tratar desse movimento de abertura foi a que nos propusemos neste artigo.

Observamos que os trabalhos de orientação benvenistiana que se lançam no literário o fazem via a tomada da discussão acerca da subjetividade na linguagem e da tríade pronominal. Por isso, este texto buscou, através de um retorno à obra de Benveniste, bem como da reconstrução do seu pensamento sobre a “subjetividade na linguagem” (2005, p. 284), trazer à tona princípios fundamentais da obra, notadamente aqueles relativos à tríade pronominal e à subjetividade na linguagem, com vistas a tencionar a abertura da teorização para a análise do literário.

Em um segundo momento, buscamos discutir como esses princípios fundamentais da obra de Benveniste foram tomados por trabalhos desenvolvidos tanto no contexto francês quanto no brasileiro e que buscaram a interface com o literário. No contexto francês, os trabalhos desenvolvidos encontram filiação na poética do ritmo de Henri Meschonnic, que desenvolve o projeto de uma “antropologia histórica da linguagem”, no qual a noção de subjetividade e de discurso de orientação benvenistiana ganham um papel importante.

No contexto brasileiro, a discussão acerca da subjetividade na linguagem é destacada, bem como a análise de outras categorias enunciativas como a do tempo. O que é patente, no entanto, é o fato de que as categorias enunciativas se relacionam diretamente com a subjetividade, como é próprio do contexto da reflexão benvenistiana. Ainda no contexto brasileiro, discutimos acerca de trabalhos que colocam em questão a subjetividade na linguagem, mas através da evocação especificamente da tríade pronominal. Esses trabalhos buscam pensar como se dá a teatralização da cena enunciativa no texto literário, bem como a evocação dos sentidos que dele emergem, através desse jogo pronominal.

Calcados em princípios teóricos de base benvenistiana, buscamos neste texto apontar para uma possível abertura do pensamento do linguista, considerando a intersecção com o literário. Apontamos alguns caminhos de como isso pode ser feito, através da discussão teórica empreendida, bem como do debate acerca de como os diferentes trabalhos em dois contextos de pesquisa diferentes se estabeleceram.

Esperamos que este artigo também evoque em outras pesquisadoras e pesquisadores olhares para além das frestas na teoria benvenistiana, a fim de que se edifiquem novas pontes e interfaces diante dos estudos de linguagem.

Referências

ANJOS, A. G. dos. *Lavrar a névoa: o tempo em Satolep, de Vitor Ramil*. Dissertação de mestrado. Orientação: Daiane Neumann. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPel, Pelotas, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/7447>>. Acesso em: 16 dez 2021.

BENVENISTE, É. Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. A noção de "ritmo" em sua expressão linguística" (1951). In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. Natureza dos pronomes (1956). In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem (1958). In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística (1963). In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. Esta linguagem que faz história (1968). In: _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, É. Semiologia da língua (1969). In: _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação (1970). In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BENVENISTE, É. *Baudelaire*. França: Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.

CAMPO, L. A. da; PERES, C. A.; BOETTGE, S. A. A ausência de um lugar enunciativo para as mulheres em O Conto da Aia: uma análise benvenistiana. *CADERNOS DO IL*, Porto Alegre, pp. 40-60, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/103231>>. Acesso em: 16 dez 2021.

CAVALHEIRO, J. *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose*. Dissertação. (Mestrado em linguística aplicada). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2546>>. Acesso em: 16 dez 2021.

DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Press, 2006.

DUFOUR, D-R. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

KNACK, C. O discurso poético como um "problema linguístico" nas notas de Benveniste: percurso metodológicos para a abordagem da significação. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 56, pp. 123-145, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/48027>>. Acesso em: 16 dez 2021.

LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste: poétique de la théorie*. Thèse de Doctorat. Université Paris 8, 2008. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01228022>>. Acesso em: 16 dez 2021.

LAPLANTINE, C. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso (Entrevista realizada por Valdir N. Flores e Marlene Teixeira). *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, pp. 222-225, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.112.11>>. Acesso em: 16 dez 2021.

MESCHONNIC, H. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008.

MESCHONNIC, H. *Critique du rythme: une anthropologie historique du langage*. França:

Éditions Verdier, 2009 [1982].

NEUMANN, D. *Em busca de uma poética da voz*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140254/000990750.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 dez 2021.

NEUMANN, D. Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic. *Fragmentum*. v. 56, pp. 147-162, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/48271/pdf>>. Acesso em: 16 dez 2021.

TEIXEIRA, M. Benveniste: um talvez terceiro gesto?. *Letras de hoje*. Porto Alegre. V.39, n° 4, pp. 107-120, dezembro, 2004. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13798>>. Acesso em: 16 dez 2021.

TRABANT, J. Le Humboldt d’Henri Meschonnic. In: DESSONS, G; MARTIN, S.; MICHON, P. *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. Paris: In Press Éditions, 2005.

VIER, S. *Da singularidade na/da linguagem poética: um estudo enunciativo em canções de Chico Buarque*. (Dissertação de mestrado) Orientação: Marlene Teixeira. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2580/SabrinaVierLinguistica.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 dez 2021.

VIER, S. *Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5270/Sabrina+Vier_.pdf;jsessionid=95A12E36E7B68EFAB2AAC4E6BB6E7024?sequence=1>. Acesso em: 16 dez 2021.

VIER, S. Dossiê Baudelaire e a enunciação. In: SILVA, S.; CAVALHEIRO, J. (org.). *Atualidade dos estudos enunciativos*. Curitiba: Prismas Ltda, 2016a.

VIER, S. Émile Benveniste e a literatura. *Revel*, edição especial, n. 11, 2016b.

Recebido em: 16/02/22

Aceito em: 11/06/22